
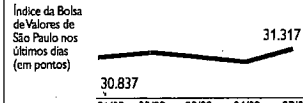


BOLSA'S Na quarta (em %)  +0,12 Nova York	BOVESPA Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)  30.837 31.317 21/09 22/09 23/09 26/09 27/09	C-BOND Título da dívida externa brasileira, na quarta US\$ 1,00375 (Estável)	DÓLAR quarta-feira (em R\$) 2,235 (▼ 1,06%) Últimas cotações (em R\$) 21/setembro 2,27 22/setembro 2,27 23/setembro 2,26 26/setembro 2,25 27/setembro 2,25	EURO Turismo, venda (em R\$) na quarta 2,827 (▲ 0,014%)	OURO Na BM&F, o grama (em R\$) R\$ 33,900 (▲ 0,59%)	CDB Pré-fixado, 30 dias (em % ao ano) 19,30	INFLAÇÃO IPCA do IBGE (em %) Abril/2005 0,87 Maio/2005 0,49 Junho/2005 -0,02 Julho/2005 0,25 Agosto/2005 0,17
---	---	---	---	--	--	---	--

DESENVOLVIMENTO
Problemas no gerenciamento dos recursos públicos, falta de ação do governo, corrupção e redução da confiança dos empresários fazem país ser ultrapassado no ranking internacional de competitividade



MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

Influenciado por acentuada piora no índice de qualidade de suas instituições públicas, o Brasil despencou no ranking mundial de competitividade. O país caiu da 57ª posição ocupada no ano passado para a 65ª este ano, de acordo com publicação divulgada ontem pelo Fórum Econômico Mundial. A queda da confiança dos empresários no governo, a má gestão dos gastos públicos e a letargia que tomou conta da relação Executivo/Legislativo levaram o Brasil a perder 20 posições no ranking que mede a qualidade das instituições de governo, onde ocupamos agora o 70º lugar. E o cenário poderia ser ainda pior. A pesquisa foi finalizada no dia 14 de maio, quase um mês antes de estourar a atual crise política, que só terá efeitos no ranking de competitividade de 2006.

Só promessas
“Os números mostram que, mesmo antes da crise política, o ambiente já havia mudado. Os empresários já tinham a percepção de que o governo não vinha cumprindo o que havia prometido”, define Rafael Tello, pesquisador da Fundação Dom Cabral, que coletou os dados do Brasil. “Apesar da política monetária e fiscal austera, a percepção é de que o governo Lula gasta mal aquilo que economiza. Além disso, cresceu a percepção de que a corrupção aumentou e a legislação não foi modernizada. A prometida redução da carga tributária também não se concretizou, o que quebrou a confiança do empresário. Por isso, nossa posição piorou bastante”, resume.
No ranking geral de competitividade, o Brasil vem caindo desde 2002, quando ocupava a 45ª posição. No primeiro ano do governo Lula, recuou para 54º, indo para 57º no ano passado e ocupando o 65º lugar este ano. De acordo com o Fórum Econômico Mundial, a economia mais competitiva do mundo é a da Finlândia, seguida dos Estados Unidos (veja quadro). Entre os latino-

Fonte: Fórum Econômico Mundial

americanos, o Chile é o melhor colocado (23º lugar). “Não estamos apenas caminhando num ritmo mais lento que outros países. Estamos na verdade piorando nossa imagem no cenário mundial”, afirma Tello.
“O nosso índice mostra uma piora nos ânimos da comunidade empresarial nos últimos seis meses, refletindo as preocupações sobre a falta de níveis adequados de transparência do setor público. Enquanto os fundamentos da recuperação econômica brasileira ainda são fortes, o governo precisa agir rapidamente para enfrentar problemas em áreas importantes como a educação, a infra-estrutura e o emprego”, resume Augusto Lopez-Claros, economista-chefe e diretor do Programa de Competitividade Global do Fórum.

“Os escândalos de corrupção e outros eventos que atingiram a imagem do setor público minaram a confiança dos empresários e desviaram as atenções dos legisladores de tarefas importantes na preparação da economia brasileira para os desafios da concorrência internacional”, diz um trecho do documento do Fórum. Para o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer. “O Brasil precisa retomar uma agenda mínima, votar projetos importantes que estão parados no Congresso e melhorar a qualidade da governança política e institucional. Esse ranking vale como um sinal para todos os setores”, afirma.
O Relatório de Competitividade Global foi elaborado com base

em entrevistas com 11 mil líderes empresariais de 117 países. No Brasil, 209 executivos de 19 empresas foram entrevistados. O levantamento tem como base informações públicas e a opinião dos executivos a respeito do ambiente macroeconômico, das instituições públicas e dos níveis de tecnologia. Um dos poucos aspectos positivos com relação ao Brasil se refere ao ambiente macroeconômico. Neste ranking, o país subiu de 81ª para a 79ª colocação, resultado, principalmente, do controle da inflação e do aumento das exportações.

Desperdício
Em compensação, no ranking dos países que, de acordo com os executivos, menos desperdiçam recursos públicos, o Brasil despencou 39 posições, passando

para o 111º lugar, de um total de 117 países. “Nossa carga tributária é alta, mas ineficiente. Uma das principais reclamações é de que o governo brasileiro gasta pouco e mal”, diz Rafael Tello, da Fundação Dom Cabral. No ranking da corrupção, o Brasil perdeu 17 posições e caiu para 62º. Entre os fatores que mais atrapalham o ambiente de negócios no Brasil os empresários apontaram os altos impostos, a regulamentação tarifária, a burocracia, o difícil acesso a financiamentos e a pesada legislação trabalhista.

Para o economista Istvan Karoly Kasznar, coordenador nacional do Programa de Estudos dos Estados e Municípios da Fundação Getúlio Vargas (FGV), os dados não surpreendem. “São fruto da ausência de investimentos em tecnologia e educação. Além disso, o governo aumentou a carga fiscal, burocratizou a atuação do Estado e passou a utilizar as instituições públicas, incluindo as estatais, para abrigar aliados políticos”, critica. Para Kasznar, é preciso desburocratizar o Estado, capacitar os servidores, modernizar as rotinas de trabalho e atualizar a legislação pública. “É preciso, por exemplo, modernizar a lei de licitações, que pode ser boa, mas possui falhas que criam um ambiente favorável à corrupção”, afirma.

COMPETITIVIDADE		INSTITUIÇÕES PÚBLICAS		AMBIENTE MACROECONÔMICO	
Entre parênteses, a posição de cada um em 2004					
1º) Finlândia	(1º)	1º) Nova Zelândia		1º) Cingapura	
2º) Estados Unidos	(2º)	2º) Dinamarca		2º) Noruega	
3º) Suécia	(3º)	3º) Islândia		3º) Dinamarca	
4º) Dinamarca	(5º)	4º) Cingapura		4º) Finlândia	
5º) Taiwan	(4º)	5º) Finlândia		5º) Emirados Árabes Unidos	
6º) Cingapura	(7º)	6º) Noruega		6º) Catar	
7º) Islândia	(10º)	7º) Luxemburgo		7º) Irlanda	
8º) Suíça	(8º)	8º) Alemanha		8º) Hong Kong	
9º) Noruega	(6º)	9º) Suíça		9º) Luxemburgo	
10º) Austrália	(12º)	10º) Austrália		10º) Holanda	
23º) Chile	(22º)	22º) Chile		15º) Chile	
49º) China	(46º)	52º) Índia		33º) China	
50º) Índia	(55º)	56º) China		50º) Índia	
55º) México	(48º)	69º) Sérvia e Montenegro		78º) Ucrânia	
64º) Costa Rica	(50º)	70º) Brasil		79º) Brasil	
72º) Argentina	(74º)	74º) Argentina		86º) Argentina	
117º) Chade	(104º)	117º) Bangladesh		117º) Zimbábue	